

Portugal para inglês ver: *Murray's Handbook for Travellers in Portugal*, 1855

Alexandra Assis Rosa*

Buscava-se um estudo de caso, no enquadramento dos Estudos de Recepção ou dos Estudos de Tradução, centrado em reescritas configuradoras de trocas interculturais entre Inglaterra e Portugal, durante o século XIX, na tentativa de exprimir através desta escolha a enorme admiração e a grata amizade que dedicamos ao Professor Doutor João de Almeida Flor, quando o nosso olhar se deteve num volume de capa dura, forrada a tecido fino, agora cor de caramelo outrora vermelho.¹ É nele que John Murray, editor estabelecido em Albemarle Street, no exclusivo bairro de May Fair, Londres, nos oferece um olhar britânico oitocentista sobre Portugal, plasmado num guia para viajantes considerando aventurar-se até Portugal.² A capa anuncia em letras douradas em baixo-relevo *Murray's Handbook Portugal*, versão abreviada do título completo que na folha de rosto se lê: *Murray's Handbook for Travellers in Portugal. With a Travelling Map*. Apresenta-se, assim, Portugal para inglês ver, em resposta a essa recente invenção britânica do século XIX, as viagens de recreio ou turismo, às montanhas, termas e praias, inovação depressa seguida por países como a França e a Alemanha, a que Portugal também não tardou muito a aderir. Prova disso serão os volumes *Banhos de Caldas e Águas Minerais* ou *As Praias de Portugal*.

* CEAUL / Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

¹ Agradeço a Sofia e João Afonso Moniz Galvão o empréstimo do volume, sobre o qual versa este artigo.

² John Murray III (1808-1892), editor de David Livingston, Samuel Smiles, Sir Charles Lyell e Charles Darwin, lançou em 1836 esta colecção de grande sucesso, na sequência das suas próprias viagens pelo continente europeu, vindo a contar com a colaboração de Thomas Cook, John Ruskin, William Ewart Gladstone ou Felix Mendelssohn. Seu pai, o editor John Murray II (1778-1843), terá sido responsável pelas tertúlias que Sir Walter Scott baptizou como “Murray's 4 o'clock friends” e estiveram na origem do Athenaeum Club, fundado em 1824. Entre os autores publicados por John Murray II, destacam-se Jane Austen, Maria Rundell e Lord Byron. John Murray III, Charles Dickens e William Ewart Gladstone contribuíram de modo decisivo para a defesa legal dos direitos de autor, através de leis de “copyright”. (vide <http://digital.nls.uk/jma/topics/publishing/handbooks.html>; acesso 30 Setembro 2010). De acordo com informação disponibilizada pela *British Library* e pelo *Dictionary of National Biography*, o volume é da autoria de J. M. Neale, ou seja John Mason Neale, (1818-1866), padre anglicano, académico, tradutor e autor de obras variadas, a quem se associa a fundação, em 1839, da Cambridge Camden Society, que daria lugar à Ecclesiological Society, em Londres, bem como à fundação da St. Margaret's Sisterhood, no início da década de 1850.

Guia do Banhista e do Viajante, que Ramalho Ortigão assina em 1875 e 1876, ou o primeiro guia turístico português moderno *O manual do viajante em Portugal*, que Leonildo de Mendonça e Costa publica em 1907. Contudo, é só nesse ano de 1907 que a Sociedade Propaganda de Portugal lança o primeiro cartaz turístico, anunciando "Portugal: The Shortest Way Between America and Europe", datando de 1913 o primeiro folheto oficial de promoção turística, em que a Repartição de Turismo do Ministério do Fomento anuncia o país a viajantes que se adivinha virem de paragens mais frias e sombrias, apregoando um "Sunny Portugal".³

Abre-se o volume e, em letra negra sobre papel ocre, o editor enquadra o tomo como parte integrante de uma colecção já considerável de vinte e três títulos dedicados à arte de viajar. Inicia a colecção *The Art of Travel; Or, Hints Available in Wild Countries*, promessa de adrenalina garantida, a que se segue imediatamente um decerto utilíssimo mas também calmante *Handbook of Travel-Talk: English, French, German, and Italian*. Seguem-se destinos para os menos aventureiros, incluindo-se na lista a Bélgica e o Reno, o Norte e o Sul da Alemanha, Suíça, França, Espanha, sequência interrompida por um volume temático dedicado à arte da pintura (escolas alemã, holandesa, espanhola e francesa). Retoma-se a viagem, com quatro volumes dedicados a Itália (Norte, Centro, Roma e arredores, e, por fim, o Sul), e aproveita-se o ensejo para compor o périplo italiano com um volume temático inteiramente dedicado à pintura nacional, que o primeiro volume temático não contemplara. A colecção ruma, então, a destinos mais ensolarados para não dizer mesmo exóticos, e inclui volumes dedicados ao Egipto, a Portugal, a Malta e à Turquia, e ainda à Grécia, para logo inverter rumo para norte, com a promessa de escalas na Rússia (o Báltico, Finlândia e Islândia) e na Noruega (Suécia e Dinamarca). Num grupo final de títulos, o turista é convidado a regressar à Velha Albion, sendo os últimos volumes dedicados a Londres (passado e presente), Londres Moderna, e, por fim, a Devon e à Cornualha.

A selecção de destinos e títulos, bem como a ordem que a colecção apresenta quase como um roteiro, mereceriam só por si o nosso comentário, pois, na sequência inicial desta colecção se reconhece, precisamente, o itinerário mais recorrente do Grand Tour: a Bélgica e o Reno, o Norte e o Sul da Alemanha, Suíça, França, Espanha e Itália, visto que só nalguns casos também abarcava a Grécia, antes do regresso a Inglaterra. Esta viagem educativa, definida pelo *Oxford English Dictionary* como "[a] tour of the principal cities and places of interest in Europe, formerly supposed to be an essential part of the education of young men of good birth or fortune", apresenta uma primeira atestação datada de 1670, consentânea com os propósitos inspirados pelo Iluminismo, que, de acordo com algumas vozes, a Descartes deveria

³ Veja-se, a este propósito, o Catálogo da Exposição *Viajar, viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República* (Lousada e Pires 2010). Interessantemente, a primeira edição de 1855 do volume *Handbook for Travellers in Portugal*, da editora de John Murray, constitui a primeira entrada da cronologia sobre o turismo em Portugal, que o catálogo apresenta.

remontar (OED, Vol. VI: 754). Tal percurso sugerido pela colecção deixa também adivinhar que, apesar de se dirigir explicitamente a um “tourist” desde a primeira frase, o volume em apreço poderá ter como destinatário alguém na charneira entre o “traveller” do “Tour” e o recém-inventado “tourist” do “Tour-ism”, que empreende viagens de recreio ou lazer. Ainda segundo o *Oxford English Dictionary* “tourist”, definido como “one who makes a tour or tours; esp. one who does this for recreation; one who travels for pleasure or culture, visiting a number of places for their objects of interest, scenery or the like”, terá sido usado pela primeira vez em 1780. Contudo, e interessantemente, o nome “tourism”, definido como “the theory and practice of touring; travelling for pleasure”, terá sido usado pela primeira vez em 1811, sendo-lhe reservado um uso originalmente depreciativo (OED, Vol. XVI, 306), também porque associado, cabe acrescentar, a uma vulgarização do Grand Tour. Trata-se de uma oposição que, como sublinha Lousada (2010: 66), “retoma, em boa medida, o debate entre a alta e baixa cultura, entre cultura de elite e cultura popular. A viagem do viajante pertenceria à ‘alta cultura’, a do turista à ‘baixa cultura’.” Permanece, portanto, a dúvida, sobre o destinatário deste volume, se o “traveller” referido no título ou o “tourist” da primeira frase em diante.

Contudo, e ainda que sem perder de vista tais questões, é, sobretudo, ao que sobre Portugal se diz na introdução que pretendemos dedicar mais atenção, pelo que avançamos na leitura do volume, deixando para trás a colecção. Porém, não sem antes deitar um olhar de relance à lista de “works of sound information and innocent amusement, printed in large readable type and suited for all classes” agrupados na colecção “Murray’s Railway Reading”, que também não se perde a oportunidade de anunciar, sobre o já referido fundo ocre. Neste relance, há um terceiro título onde ficam postos os olhos: *Beauties of Byron’s Poetry and Prose*, decerto merecedor de um artigo dedicado ao homenageado deste volume, contudo, inviabilizado pela impossibilidade de consulta.

Passando, portanto, à introdução ao volume, ela intitula-se “Preliminary Remarks” e ocupa 27 páginas, divididas em 17 secções, das quais a primeira, com o título “§ 1. General Requisites”, principia com um *caveat lector*; onde se sublinha o valor do empreendimento perante a dificuldade na obtenção de guias locais (com a excepção de uma ou duas das maiores cidades) ou mapas topográficos, informações fundamentais para a organização de um volume com as ambições do exemplar em análise. Consequentemente, o leitor, que o autor refere como “tourist”, desde a primeira frase, deverá regozijar-se porque: “he is about to read a description of a country less known to Englishmen than any other in Europe” (IX)⁴. Ainda assim, atesta-se a dúvida nacional pois qualquer português questionará a pertinência da escolha do seu país como destino turístico: “a Portuguese seems at present unable

⁴ Todas as citações à introdução da obra em análise serão identificadas somente com o número de página, para evitar interromper a leitura.

to comprehend the idea of travelling for pleasure through his country" (IX). Deste ponto de vista, o autor apressa-se a acrescentar motivos de sobra para tal desconfiança: as estalagens são de uma barbárie primitiva, praticamente não existem estradas, em poucas palavras, "travel signifies both a toil and a journey". Três requisitos são, de seguida e por consequência, apresentados como fundamentais para empreender "a Portuguese tour": "good health, good temper and the right time of year" (IX). A primeira é fundamental para enfrentar num só dia os extremos de calor e frio, para sobreviver inteiramente a broa e vinho verde (da boa mesa, nem palavra), e para conseguir passar a noite "on the boards of an inn, to the tender mercies of which you would hesitate in England to consign a favourite dog" (IX). Porventura mais interessante, donde merecedor de mais longa citação, é o segundo requisito:

Good temper, which the handbooks for all European countries make so great a requisite, is ten times more essential here than elsewhere; not only because a Portuguese will not be hurried, and will do your work in his own way and at his own time, but because though the easiest of all people to be led, he is the worst to be driven; and when in a passion sometimes becomes dangerous. (IX)

Interessante descrição do carácter nacional, de ritmos culturalmente específicos, e lentos para um olhar britânico, de uma persistência tenaz no modo de fazer arreigado, da necessidade de ser, a bem, levado e nunca obrigado, ou seja: de não se governar, nem se deixar governar. Não saem poupados os funcionários aduaneiros:

As it is very probable that the functionaries who apply for your passport have never seen a Foreign-office document, and nearly certain that they will not understand a word of English, you will have in the first place to explain what it is, then to translate what it says, and lastly to convince the inquirer that a man may desire to travel to Portugal for his pleasure. (IX-X)

Novamente se afirma, portanto, a perplexidade e desconfiança nacional, personificada nos funcionários aduaneiros, perante quem se apresenta como turista em Portugal. Como afirma o autor, nada, contudo, que uma adequada dose de cortesia não conduza a um final feliz: o termo da conversa pontuado com um convite local para partilhar uma garrafa de vinho. Arrisque-se a descortesia, porém, e o mais natural é ficar detido a aguardar inquirições às autoridades superiores: manda o mais elementar bom senso desconfiar de quem apregoa querer viajar em Portugal por prazer, imagine-se.

Fica, de seguida, o leitor informado de que a época mais aconselhada para empreender a viagem é o mês de Abril, antes de terminarem os aguaceiros primaveris — "while the clouds give their shadows to the valleys, or their graceful drapery to the hills" (X) — como convém aos habitantes da velha Albion, à data ainda pouco apreciadores da canícula estival. Para o observador experimentado, ou para o romântico apreciador do Belo que a introdução começa a deixar entrever, porém, as contrapartidas, que o contacto com a beleza natural oferece, no seu "unlimited grandeur in the Gerez, or the Outeiro Jamor", afiguram-se incontáveis:

... to those who can endure any personal inconvenience arising from the causes already referred to, and whose love of the beautiful nothing can extinguish, there is more than enough to speak to their eyes and their understanding in accents which language is powerless to convey. (X)

Das belezas incontáveis e inomináveis o leitor transita, abruptamente, para a secção seguinte, intitulada “General Geography”, onde se depara com os esforços científicos autorais no sentido de averiguar, com base na bibliografia e cartografia disponíveis, a exacta dimensão do território nacional. Em vão, pois como se acrescenta: “one geographer makes it nearly twice as large as another”. A incompletude da cartografia recomendada como “least bad” é sublinhada com o aviso: “the tourist must be prepared for such a blunder as the total omission of the Berlenga Islands” (XI). Habitado por um só povo, ao contrário da Espanha, e comparável à Andalusia em dimensão, Portugal passa, então, a ser descrito em termos climáticos. A Norte, o clima será em tudo semelhante ao de Inglaterra, natural termo de comparação: “The N. of the province of Traz os Montes, the high table-land of Beira, Viseu, Trancoso, Pinhel, Guarda, Almeida and Sabugal are in winter bitterly cold, have the spring late and uncertain, and have little advantage in these respects over England” (XI). Viajando para sul, contudo, os rigores do inverno amenizam-se, a neve dá lugar a apenas algumas semanas de chuva forte, e até, imagine-se, a flores: “In Alemtejo and Algarve frost and snow are unknown; and the winter in the latter province may be called the season of flowers” (XI).

Com a excepção de uma considerável lista de zonas insalubres, onde predominam “seizões” intermitentes, ou seja temíveis “fevers and aigues”, Portugal “may be considered a very healthy country” (XI), e, apesar de os portugueses, como referido, não perceberem porquê, merece uma visita, assevera o autor.

Segue-se uma lista pormenorizada, com o propósito de ajudar o viajante a chegar de Inglaterra a Portugal: de vapor com partida em Southampton e escala em Vigo, Porto (a evitar devido a uma “frightful bar of the Douro”) e Lisboa, avistando pelo caminho várias povoações e monumentos, de nomes sempre correctamente grafados e em itálico, até que: “the whole magnificent panorama of Lisbon comes into sight” (XII); ou alternativamente, por estrada, entrando em Portugal por Bragança e Traz os Montes (“a course only to be recommended to those who, in pursuit of scenery, are willing to encounter any hardship”), pelo Douro (“a very pleasant voyage”), de diligência que liga Badajoz a Lisboa (“the lately established diligence”), ou por Castro Marim, de barco. Aconselha-se como prudente o desembarque em Lisboa, para iniciar o “Portuguese Tour” pelo sul, “in order not to risk exposure to the intense June heats of Algarve” (XII). Claramente, ainda não era um “sunny Portugal” que se buscava.

Segue-se uma secção inteiramente dedicada à moeda, pesos e medidas, onde uma profusão de moedas nacionais, reais e imaginárias (“Reis” “an imaginary coin”, porque nominal, de conta ou de referência; “Ceítal”, “meio-testão”, “3-vinténs”, “testão”, “6-vinténs”, “Cruzado novo”, “Moidore”) são comparadas com os seus

equivalentes britânicos. Termina a secção com um conselho: "The best coin to be provided with is the vintém and the testão: the latter, as the Scotchman said of sixpences, are 'canny little dogs that will often do the work of shillings' " (XIII). A lista de pesos e medidas é apresentada sem comentários, excepção feita à seguinte referência: "6 Gallegos are said to be able to carry, suspended from their shoulders, 60 arobas, 1920 lbs. A bullock-cart will carry the same" (XIII). Conselhos úteis para quem, porventura, pretenda ajustar o preço para o transporte de bagagem (de carro de bois, se for pesada, de mula ou galego, se for mais leve).

A secção dedicada ao tópico "como viajar", com os subtópicos estradas e caminhos de ferro portugueses, não poderia ter início mais auspicioso (!): "Portugal is behind every other European country in its roads; or rather in those tracks and watercourses which, by courtesy, are called so". E o texto prossegue acrescentando: " 'There still exist,' says an able writer (in 1852), 'numerous proofs that in the time of the Caesars there were roads in Portugal' " (XIV). Este corrosivo exórdio dá lugar, por seu turno, ao espanto sobre a inexistência de transportes públicos, com a excepção de Lisboa-Porto, Porto-Braga, Lisboa-Elvas-Badajoz e Lisboa-Coimbra, e sobre a ausência de estradas, com a consequência, também referida, de o turista se ver obrigado a viajar de mula, a cavalo ou de liteira, só podendo fazê-lo de carruagem nas proximidades de Lisboa. E tudo para evitar que se facilite a invasão ao nosso "amigo vizinho", como terá bradado um distinto deputado a propósito de um projecto de melhoramentos viários, afirma o autor.

É, neste ponto, introduzido todo um parágrafo que se dedica a descrever, com atozes pormenores, o carro de bois, que, inalterado na sua engenharia desde o tempo dos romanos, é capaz de produzir um barulho ensurdecedor, supostamente capaz de afastar lobos e o próprio diabo, tornando desnecessária qualquer espécie de buzina em passagens mais estreitas. Sorte é que a diligência, inovação recente, datada de 1854, permita ganhar a distância entre Porto e Braga, Lisboa e Badajoz ou Coimbra; e que o caminho de ferro entre Lisboa e Santarém, a cargo de empresa britânica sob a "able superintendence" de um súbdito de Sua Majestade, progrida a olhos vistos, também com grande investimento de endinheirados brasileiros. Projectadas estão linhas para o Porto, Elvas e a fronteira espanhola, Vendas Novas (a cargo de uma vigorosa companhia francesa) e até Cintra, pela margem direita do rio Tejo. Das estradas de macadame, por sua vez, diz-se que progridem a bom ritmo no Minho e em Traz os Montes, com o investimento providencial de várias casas britânicas do Porto, naturalmente.

Todas as minudências necessárias para ajustar o preço de uma montada são devidamente explanadas num par de parágrafos dedicado ao efeito, ficando o leitor a saber o preço de uma cavalgadura (para o viajante), de uma mula (para a bagagem), e do arrieiro (que, prestando bom serviço, espera receber o equivalente a meia cavalgadura). Não termina o parágrafo sem contudo avisar o turista: "A traveller will do well to insist on having an English saddle (sela Inglesa): the Portuguese saddles produce the effect of being set astride on a flat table" (XVI). Ainda assim, os estribos de caixa, apesar de desconfortáveis, são aconselhados pela protecção que

oferecem contra a chuva e a tenacidade da goma produzida pelas estevas, capaz de destroçar qualquer calçado.

A objectiva e científica precisão britânica, uma ambição já demonstrada a propósito da dimensão territorial, é novamente posta à prova relativamente à unidade lusa de medida de distâncias. A perplexidade suscitada por tal empreendimento merece a seguinte expressão:

Portuguese distances are reckoned by leagues (legoas), but what a league is, it would puzzle any lexicographer to say. It is generally defined to be the distance which a loaded mule can perform in an hour, and is therefore usually set down as three miles an a half. The fact is that, on most roads, the leagues are utterly conventional, and mean nothing more than the number of *vendas* at which the muleteers find it convenient to drink. (XVI)

Percorridas nove ou dez milhas por dia, uma muito boa média, afigura-se recomendável descansar numa estalagem, chegando o crepúsculo. O novamente cáustico intróito britânico apresenta o novo tema das estalagens portuguesas, a uma luz deveras favorecedora (!): “In the following pages, inns, except in the large towns, will seldom be named, for the best of all reasons. The question is not, which is the best inn, but whether there be an inn at all” (XVII). Contudo, em lugar de deixar o assunto morrer, o autor dedica-lhe ainda os seguintes mimos, merecedores de mais ampla citação:

... the arrangement is usually as follows: – a picturesque, tumble-down verandah gallery; a lower story partly occupied by the stables, partly by wine-casks; an upper storey containing a kitchen without a chimney, the smoke finding its way through the window or door; a kind of general sitting-room, and a general bed-room. It is the sitting-room which will form the traveller’s quarters: fowls having been untied from the table-legs, children removed, and perhaps a pig or two kicked out, he may then order up his luggage, and he will probably have the advantage of being able to contemplate the sky between the tiles, and to keep an eye on the mules through the crevices in the floor. The smell of the latter can scarcely be called pleasant; nevertheless the same arrangement exists in the best Portuguese houses.

A cereja no bolo, que parecia ser a generalização final, bem pouco abonatória da melhor casa portuguesa, fica porém umas frases abaixo: não só as mulas têm uns badalos que ninguém retira à noite porque têm a utilíssima função de afastar o diabo, mas toda a sorte de insectos também se vem abrigar na estalagem, “not only do cockroaches and black beetles abound, but (...) various kinds of vermin, as *pulgas*, *persovéjos*, and *piolhos*, are pretty numerous” (XVII). Assim fica apetecivelmente descrita a estalagem portuguesa “in the wilder parts of the country”, evidentemente.

No tocante a questões gastronómicas, alerta o avisado autor britânico, em secção destinada a este efeito: “the question is not between good or bad food, but between eating and going without” (XVII). Para evitar a hegemonia do pão preto, há que levar uma correcta provisão de pão branco; por via de regra, é possível

comprar ovos nas estalagens, mas (há sempre um mas...): "As, of course, egg-cups or spoons are out of the question, it is best to have them boiled hard (ovos cozidos)", assim como é melhor, como sugere vivamente aos seus ovívoros conterrâneos, não esquecer o pedido de que sejam servidos com casca. Ainda assim, "[i]n some places, the Portuguese have a very fair idea of eggs and bacon, *ovos com presunto*" (XVII). Não termina o tema sem, contudo, dedicar uma nota à pronúncia: "N.B. There is no word in Portuguese of which the pronunciation is so affected by patois as this, varying from the uivos of the Spanish frontier to the broad awvos of Central Beira and the sharp óvos of the south" (XVIII).⁵ Das aves, frangos e galinhas refere-se "[they] are sometimes procurable, but always resemble leather" (XVIII), e peru também se arranja mas a melhor alternativa aos ovos é o peixe (pescada, truta, lampreia, salmão branco), capaz de redimir a gastronomia nativa de uma penada: "On the western coast are the best sardines (sardinhas) in the world" (XVIII). Laranjas de Setúbal são excelentes, das ameixas de Elvas e figos do Algarve, por sua vez, diz-se que têm "a European reputation", e constituem uma saudável alternativa à doçaria, da qual se afirma: "the forte of Portuguese cooks is their confectionery, to the immense quantities of which devoured by the upper classes half of their illnesses are owing"; ainda assim, acrescenta-se: "Preserves that would not disgrace a Parisian confectioner may often be procured in the poorest estalagens" (XVIII). Não resulta inteiramente claro se tal afirmação constituirá um elogio às compotas portuguesas ou um insulto aos confeitores parisienses... Referida a incontestável origem dos maus fígados das classes superiores, adivinha-se alguma preocupação social na subsequente menção aos hábitos alimentares do mais pobre trabalhador português, (afinal, parte da hoje tão gabada dieta mediterrânica):

It is surprising how frugally the Portuguese labourer lives. *Couve gallego* (cow-cabbage) from his own garden, a little oil from his own olive-tree, crumbled milho bread baked in his own oven, and water, form the food on which he subsists all the year round, except on the rare occasions when he can procure some *bacalháo*. The better sort of labourers make a broth of beans, lard, and pumpkins (caldo d'unto, lard-broth), not at all a bad thing on a cold night among the mountains. (XVIII)

Estranhamente, para um leitor contemporâneo, só um brevíssimo parágrafo se dedica ao vinho português, e só de dois tipos: vinho verde, "i.e. the raw, sour, unwholesome wine of Minho", ou vinho maduro "the ripe vintage of the northern

⁵ Interessante é que o autor não recorde, a este propósito, uma história, contada por Caxton, no prefácio a *Eneydos*, onde refere uns mercadores que, navegando no Tamisa, e dando à costa em Kent, por falta de vento, lá pretendem comprar, precisamente, ovos: "And specyally he axyed after eggys. And the good wyf answerde that she coude speke no frenshe. And the marchaunt was angry for he also coude speke no frenshe but wold haue hadde eggys and she vnderstode hym not. And thenne at laste a nother sayd that he wolde haue eyren. Then the good wyf sayd that she vnderstood hym wel" (vide: <http://www.bl.uk/treasures/caxton/english.html>; acesso 30 Setembro 2010).

provinces”, que os habitantes locais consideram muito caro, também devido a uma doença das vinhas, que o autor não deixa de referir como causadora dos preços elevados. Bebe-se, como passa a explicar: Bucellas, Colares, Lavradio, Termo, Tojal, Estremadura, e disse (XVIII-XIX).

Do Vinho do Porto, afamado néctar cuja invenção os ingleses defendem ter sido sua, no século XVII, nem palavra. Estranho, ou talvez não. Certo é que a importação inglesa de Vinho do Porto decrescera drasticamente durante o século XVIII. Diz-se que tal terá acontecido em consequência de adulterações tornadas apetecíveis graças ao anterior aumento em flecha dos preços do Vinho do Porto, inflacionados pela grande procura inglesa do século XVII; uma procura que o tratado de Methuen veio consagrar, em 1703, estabelecendo como contrapartida privilégios para os têxteis ingleses. Certo é também que, em meados do século XIX, o oídio e a filoxera terão devastado as vinhas portuguesas, sem poupar a região entretanto demarcada, pela Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro (instituída em 1756), onde se produzia o chamado vinho fino, o único que podia ser exportado para Inglaterra. Proliferam, entretanto, nos mercados os “French Ports”, os “Hamburg Ports”, os “Tarragona Ports”, a preços muito inferiores (Martins Pereira s.d.). Caído em desgraça entre os súbditos de Sua Majestade, devastadas as vinhas pela doença, esmagado pela concorrência feroz de sucedâneos de outras proveniências, talvez não seja, afinal, de estranhar o manto de silêncio que o texto faz recair sobre o tão afamado Vinho do Porto.⁶

Passando às províncias de Portugal, o autor dedica-lhes uma secção para explicar a antiga divisão (que recupera), para referir a mais recente divisão efectuada para fins militares em 1835 (que descarta), e para esclarecer as alterações que efectua à antiga divisão (que irá seguir), pois, torcendo as duas divisões já referidas a seu bel-prazer, termina incluindo a Estremadura a sul do Tejo no capítulo dedicado ao Alentejo. Esta é uma questão estruturante da obra pois os capítulos serão dedicados a: Lisboa; “Alemtejo and Estremadura Transatagana”; “Kingdom of Algarve”; “Estremadura (North of the Tagus)”; Beira; Entre Douro e Minho (Minho); e, por último, Traz os Montes. Todos os capítulos do restante volume se organizam numa pequena introdução, de pouco mais de uma página, a que se seguem passeios sugeridos, “routes”.

Regressando à introdução, ela integra, de seguida, uma secção dedicada à História de Portugal, da qual se afirma: “It must always be a subject of deep regret to the English reader that the history of Portugal, to which Southey had devoted so much time, labour, and thought, was never completed. His materials were such as no other person, not a native, can possibly accumulate again” (XIX). Trata-se de uma referência ao poeta romântico, historiador e biógrafo, Robert Southey (1774-1843),

⁶ Só a terceira edição revista, de 1864, consultável em books.google.com, refere o “powerful Douro wine”, “the very best red wine in the world, at least for people who live in a climate like that of England. (152), no capítulo dedicado a “Entre Douro e Minho”.

autor da obra publicada sob o título *Letters written during a short Residence in Spain and Portugal* (1797), que reúne cartas redigidas na sequência de um convite de seu tio, o reverendo Herbert Hill, para visitar Lisboa, em 1795; e autor também de uma anunciada *História de Portugal*, que prepara durante uma segunda visita a Portugal, em 1800, da qual, contudo, porque nunca concluída, só veria o prelo a secção dedicada ao Brasil (*History of Brazil, 1810-1819*). A introdução alude mesmo a estas obras, afirmando: "those [letters] written during his second residence there [in Portugal], and published in the second volume of his biography, are still interesting as exhibiting a picture of the country, just before it was swept by the tornado of its French devastators" (XX).

Para conveniência do turista, segue-se uma tábua cronológica dedicada à História de Portugal, com início em 1095 e fim em 1853, onde merecem referência os reis de Portugal, cujos cognomes surgem traduzidos, bem como as principais descobertas, conquistas e batalhas, também em preparação da visita aos locais onde tiveram lugar. Digna de nota será a seguinte entrada, pelo tema diverso e informação (para alguns controversa) que apresenta: "1284. University of Lisbon founded. 1308. Removed to Coimbra" (XX).⁷ Controversa é também a escolha autoral de "usurpation" para o título: "Castillian usurpation, called by the Portuguese 'The sixty years captivity'" (XXI), pelo ponto de vista que, assim, revela.

Segue-se uma longa secção, referida como obrigatória em qualquer Guia de Portugal que se preze, integralmente dedicada à que se anuncia como "the most extraordinary superstition that ever prevailed in any civilised nation — that of the Sebastianists" (XXIII). Em quase duas páginas se descreve com algum pormenor as motivações de tal superstição, evolução histórica do número de sebastianistas (que se afirma oscilar entre metade e um terço dos portugueses) e respectiva classe social, sem deixar de fazer referência a diversos impostores, bem como aos profetas dos séculos XVII e XVIII, com especial destaque para Bandarra, cuja profecia surge inclusivamente citada.

Seguem-se quatro páginas de referências bibliográficas a obras, sobretudo de autoria de historiadores e cronistas lusos, mas também de autores espanhóis, franceses, alemães, para além dos já esperados ingleses. Versam sobre Portugal, a Índia, o Brasil, e outras conquistas. Não faltam ainda menções a obras topográficas e estatísticas, obras militares ou versando sobre as ordens religiosas e a arte portuguesa, que se diz ser escassíssima no que toca à pintura: "The traveller in the

⁷ Como se lê em texto intitulado "História da FLUL": "Por lei de 1911 eram instituídas em Portugal três universidades, Coimbra, Lisboa e Porto, sendo a primeira referida como reformada e as outras duas como novas. O texto introdutório da lei omitia assim o facto de a primeira etapa da universidade portuguesa, entre 1288-1290 e 1537, ter decorrido, na sua maior parte, na cidade de Lisboa." (vide http://www.fl.ul.pt/varios/historia_flul.htm; acesso 30 Setembro 2010). O texto introdutório da lei de 1911 omite, mas, interessantemente, o volume de John Murray não.

Peninsula, who has been accustomed to the long and illustrious catalogue of Spanish painters, will be most grievously disappointed when he finds that Portugal exhibits almost a blank in this department of art: a want lamented by Camoes” (XXVII). A única exceção de relevo é Grão Vasco: “But, except Gran Vasco (see p. 118) and his school, Portugal never raised one illustrious painter” (XXVII). A maior parte das referências bibliográficas é seguida de um breve comentário do autor, merecendo especial destaque a *História de Portugal*, em quatro volumes até então publicados, de Alexandre Herculano, “which, notwithstanding the historical scepticism of the author, will no doubt be the best history”, bem como, evidentemente, “The Prize Essay on Portugal, by Joseph James Forrester (now the Baron of Forrester), London, 1854; a most valuable book by one who has done more for Portugal than perhaps any other individual during the last century” (XXVI). Várias obras de viagens são também citadas em parágrafo intitulado “of ordinary tours”, entre as quais a mais antiga, em língua inglesa, data de 1770, terminando este notável esforço de investigação bibliográfica com uma última referência datada de 1854. Não é sem motivo que os volumes da coleção “Murray’s Handbooks for Travellers” são referidos como “detailed and scholarly guides”.

Na secção dedicada a um esboço dos passeios, e tornando explícito um ponto de vista que se vai construindo com a leitura da introdução, o viajante é avisado: “The great attraction of Portugal is its scenery, and few would think of visiting it with any other object” (XXVIII). Seguem-se parágrafos em que a beleza das montanhas e a profusão de rios lusos são gabados, apesar de ficarem quase sempre aquém dos rivais que o autor refere: os Pirenéus, os Alpes ou os vales da Grécia. Interessante na escolha vocabular é o modo como entre “magnificent”, “delightful”, “exquisite richness”, “wonderful colouring”, “great charm”, “wildest rocks”, “loveliness” se repete um adjetivo: “romantic”, de que são exemplo “romantic loveliness”, ou “the most romantic woodland scenery”. Tanto encómio tem, contudo, de ser devidamente contrabalançado, a bem da afamada fleuma: “It must not be thought that the whole of Portugal deserves the character which we have given to the scenery of its better parts” (XXIX). A sul do Tejo, é o deserto... Exceção feita à Arrábida, a Monchique e às margens do Guadiana e do Sever, “it is for the most part uninteresting, Algarve consisting of rocks and sand, Alemtejo of vast heaps covered with the cistus”, as temíveis estevas já referidas, cuja goma aconselha o uso de estribos de caixa. Termina o parágrafo com uma lista das principais cadeias montanhosas.

Tema seguinte são as igrejas portuguesas, mas o entusiasmo depressa arrefece com o intróito: “No European country has less interesting ecclesiology than Portugal” (XXX), a que se segue uma lista das, ainda assim, mais merecedoras de visita, lista essa que não chega a ocupar um terço da página. Quanto à expectativa de ser convidado de uma família portuguesa, nem vale a pena o esforço: “The tourist who may take letters of recommendation to any Portuguese family must never for a moment expect to be asked to dinner, such an invitation being exceedingly rare”; tão raro é o convite quanto uma cave bem fornecida de vinhos ou uma biblioteca:

"it would be almost as rare to find two dozen bottles of wine in a house as it would be to discover so many books" (XXXI).

Redime-se o autor, ainda que só em parte, com a secção dedicada à língua, que principia, esclarecendo: "It is a common but most erroneous opinion that Portuguese is merely a corrupted dialect of Spanish, whereas the two are of equal antiquity and neither derivable from the other" (XXXI). Passa de imediato a referir, não sem notável perspicácia: "The two nations, rivals in this as in everything else, mutually reproach each other with the harsh points in their respective tongues" (XXXI). Os portugueses ridicularizam as guturais, bem como o ciciado de "Tharagotha" para "Saragossa". Os espanhóis, por seu turno, riem-se da profusão de ditongos nasais. Ambicionando alguma imparcialidade o autor acrescenta: "It must be confessed that such a termination constantly repeated is a weak point in a language which, but for this, might vie in harmony with any in Europe". Tendo afirmado que não pode ombrear com as restantes línguas europeias, reconquista o autor, ainda assim, o coração luso quando afirma: "At the same time, a comparison of such words as *filho* in Portuguese with *hijo* in Spanish will at least prove that the latter has even worse sounds than the so-much-derided *ões*" (XXXI). À referência a algumas palavras de origem árabe "absurdly ridiculed by Spaniards", segue-se uma menção aos autores portugueses e ao seu garboso orgulho nos verbos "ser" e "estar", cuja "exquisite delicacy" não se cansam de gabar, bem como nas palavras "which they say are inexpressible in any other language", a saber, para além da já previsível saudade: "geyto", "menino", "mavioso", ou "rosicler"! Quanto aos diminutivos portugueses, afirma o autor terem "great force", explicando todo o caminho desde "cabra branca", passando por "cabrito" e "cabritinho" até ao, pasme-se: "cabritinho branquinho". No tocante à pronúncia, é variada contrariamente ao que se diz, atribuindo-se, junto à fronteira a norte, ao "ch": "the same harsh sound that we give it in English, thus, tchaves, tchumbo" (XXXII); no Minho "vinho bom or binho vom" são a mesmíssima coisa, ao passo que junto à Galiza, "mom", "pom", e "com" são "almost universal" para mão, pão e cão. Anuncia-se, ainda, uma muito útil lista de vocabulário, porque, como assevera o autor: "It is almost useless for any one not acquainted in some degree with the language to think of travelling in Portugal" (XXXII) pois, como acrescenta, com a excepção de Lisboa e do Porto, "neither English nor French will be of the slightest assistance", nem tão pouco a língua espanhola, mesmo junto à fronteira.

A antepenúltima secção é votada às ordens militares e religiosas, responsáveis pelos edifícios mais interessantes. Às de S. Bento d'Aviz, Ordem de Cristo, Torre e Espada, Santiago de Espada e N.S. da Conceição de Vila Viçosa, da Ala de S. Miguel, da Frecha, da Madre Silva e dos Namorados, dedicam-se breves parágrafos, às restantes uma tabela com a data em que se instalaram no reino, o número de mosteiros, conventos e a identificação da "Principal House".

A penúltima secção, misteriosamente intitulada "Books", é afinal dedicada aos viajantes "procuring rare and curious books" (XXXIV). Contudo, as dificuldades com que depara tal empreendimento são consideráveis: preços astronómicos

(“enormous”), livreiros pouco interessados em vender ou trocar exemplares, mesmo que os tenham à meia-dúzia, “rotten or worm-eaten”, surgindo a melhor oportunidade na Feira da Ladra, em Lisboa, ou em feiras de província. Espanta-se, contudo, o autor perante a criatividade e a multiplicidade temática do que se encontra à venda: “The extraordinary and out-of-the-way learning amassed in proof of extravagant positions, or in the investigation of most unimportant questions, is truly astonishing” (XXXV). E passa a exemplificar: se a baleia que engoliu Jonas passou ao largo do Cabo da Boa Esperança, ou não, e se tal eventualidade poderia ter retirado brilho aos feitos gloriosos de Vasco da Gama.

Na secção final, intitulada “General View”, apresenta-se uma súpula de toda a introdução ao volume, como convém. Novamente o autor aproveita para advertir o viajante, a que chama “tourist”, desde a primeira frase: “He must be prepared for the worst accommodation, the worst food, and the greatest fatigue, and he must not expect much that can interest in the way of architecture, ecclesiology, or the fine arts”. Contudo, apressa-se a acrescentar: “But to one who is in pursuit of scenery, more especially to the artist, no other country in Europe can possess such attractions and such freshness of unexplored beauty” (XXXV). Portugal oferece-se, portanto, neste guia não como destino de uma “viagem filosófica do Iluminismo”, ou de uma “viagem educativa por excelência”, colecionadora de visitas “emocionalmente neutra[s]” a “galerias, museus e outras instituições da ‘alta cultura’”; mas sim como promessa de uma “viagem romântica, vista como a viagem em busca do sentido da existência através da contemplação das paisagens sublimes e apelando à sensibilidade” (Lousada 2010: 66). Destina-se este “Handbook”, portanto, ao viajante, ao “traveller” pertencente às elites, a que o título alude; ainda não se destina ao turista. Com este propósito e destinatário em vista, e tentando fazer jus ao que, convocando as palavras de outrem, o autor defende ser “the matchless scenery of this physical paradise” (à beira mar plantado, acrescentamos mecanicamente), é com as belas palavras de Southey que termina a introdução do *Handbook for Travellers in Portugal*, e este artigo, descritivo de um olhar britânico oitocentista sobre Portugal, destino de viagem (mas ainda não de turismo), também:

“I have actually felt a positive pleasure in breathing there; and even here, the recollections of the Tagus and the Serra de Ossa, of Coimbra, and its cypresses, and orange-groves, and olives, its hills and mountains, its venerable buildings and its dear river, of the vale of Algarve, the little islands of beauty in the desert of Alemtejo, and above all of Cintra” (– he should have said Ponte do Lima or Monchique –) “the most blessed spot in the habitable globe, will almost bring tears to my eyes.” (XXXV)

Bibliografia

- “Caxton’s English”. Versão electrónica disponível em: <http://www.bl.uk/treasures/caxton/english.html>; acesso 30 Setembro 2010.
- “História da FLUL”. Versão electrónica disponível em: http://www.fl.ul.pt/varios/historia_flul.htm; acesso 30 Setembro 2010.

- "John Mason Neale" in: *Oxford Dictionary of National Biography*. versão electrónica: <http://www.oxforddnb.com/>; citada em: <http://www.ccel.org/cceh/archives/eee/neale.htm>; acesso 30 Setembro 2010.
- Costa, Leonildo de Mendonça e (1907). *O manual do viajante em Portugal: com itinerários da viagem em todo o paiz e para Madrid, Vigo, Sant'Iago, Salamanca, Badajoz e Sevilha*. Lisboa: Typ. da Gazeta dos Caminhos de Ferro.
- Lousada, Maria Alexandre e Pires, Ana Paula (2010). *Viajar, viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*. Catálogo da Exposição. Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República – CNCCR com Parceria Oficial do Turismo de Portugal, IP. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. Sítio Web disponível em: <http://viajar.centenariorepublica.pt/>; acesso em 30 de Setembro de 2010.
- Lousada, Maria Alexandre (2010). "Viajantes e turistas. Portugal, 1850-1926." *Viajar, viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*. Catálogo da Exposição. Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República – CNCCR com Parceria Oficial do Turismo de Portugal, IP. Ed. Maria Alexandre Lousada e Ana Paula Pires. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 65-73.
- Martins Pereira, Gaspar (s.d.). "Porto: um vinho com história." Versão digital disponível em: <http://www.ivdp.pt/pagina.asp?codPag=9&codSeccao=1&idioma=0>; acesso em 30 Setembro 2010.
- Neale, John Mason (1855). *Murray's Hand-book for Travellers in Portugal. With a Travelling Map*. London: John Murray.
- Ortigão, Ramalho (1876). *As Praias de Portugal: Guia do Banhista e do Viajante*. Porto: Magalhães e Moniz.
- Ortigão, Ramalho (1875). *Banhos de Caldas e Águas Minerais*. Porto: Magalhães e Moniz.
- (1989) *Oxford English Dictionary*. 2nd ed. prepared by J.A. Simpson and E.S.C. Weiner. Oxford: Oxford University Press.
- The John Murray Archive*. Disponível em: <http://digital.nls.uk/jma/index.html>; acesso 30 Setembro 2010.